

Traços, sons e palavras: o som como recurso ilustrativo no audiolivro infantil

Renan Luis Salermo¹

Diana Navas²

Resumo

Tendo em vista a crescente popularidade dos audiolivros como experiência literária e a ampliação de acesso a esse formato, neste estudo, exploramos os processos de transposição e adaptação do livro infantil ilustrado para o formato de audiolivro, buscando compreender a capacidade ilustrativa da imagem e do som em composições literárias para as infâncias. Para esta investigação, selecionamos a obra *Com qual penteado eu vou?* (2021), de Kiusam de Oliveira e ilustrado por Rodrigo Andrade, e a obra *Em algum lugar do mundo* (2018), de Anna Cláudia Ramos e ilustrado por Jacobo Muñiz, ambas produções da literatura infantil brasileira contemporânea que foram publicadas em livro ilustrado e audiolivros. Nessa direção, o estudo visa examinar como a adaptação para o audiolivro recria as características visuais dos livros ilustrados, centrando-se na análise de como os elementos sonoros — paisagem e efeitos sonoros — reinventam as informações transmitidas, a princípio, por meio de imagens. Assim, o objetivo é investigar de que maneira o som pode compor uma ilustração narrativa, afetando a percepção do ouvinte. Para esta análise, fundamentamo-nos nos estudos dos audiolivros (Rubery, 2016), nas reflexões sobre a voz e o som (Barthes, 1990) e nos estudos da linguagem sonora em Santaella (2005), tendo o propósito de contribuir com o entendimento das interações entre diferentes formas de expressão na literatura infantil, descrevendo como o som e a transposição para o audiolivro renovam a experiência estética com a imagem e a ilustração.

Palavras-chave: Audiolivro. Som. Ilustração. Literatura infantil

Data de submissão: dezembro. 2024 – Data de aceite: dezembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i3.16534>

¹ Pesquisador de Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica (PUC). São Paulo/ SP. Brasil. <https://orcid.org/0009-0007-4451-3704> E-mail: renan.luis.salermo@gmail.com

² Professora no Programa de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica (PUC). São Paulo/ SP. Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4516-5832> E-mail: dinavas@puc.com.br

Introdução

Segundo Barthes, a voz e a escrita são formas de romper o vazio, ocupando-o corporalmente. "Nesse reino do significante em que o indivíduo pode ser escutado, o movimento do corpo é, antes de tudo, aquele de onde provém a voz. *A voz é, em relação ao silêncio, o que é a escrita (no sentido gráfico) em relação à uma folha em branco*" (Barthes, 1990, p.224, grifos nossos).

Ao fazer essa analogia, o semiólogo francês destaca a importância do corpo para a voz no processo de significação, sugerindo que o som é o ato de intervenção que rompe com silêncio no seu estado de latência, assim como a escrita é a manifestação que tira a página do seu vazio, levando-a ao preenchimento. Essa reflexão nos conduz à ideia de que a voz e a escrita são um convite ao receptor para os jogos de sentido e de significação por meio do corpo.

Integrando essa concepção aos livros para as infâncias é possível expandir a ideia do preenchimento do vazio não só com a escrita, mas também com imagens. Nesse contexto, a folha em branco deixa de ser apenas o suporte para o texto verbal e torna-se o cenário ideal para a combinação do texto com a ilustração. Nesse lugar, essas duas linguagens dialogam, se complementam e concretizam o livro ilustrado. Assim, a página em branco passa a ser um espaço de conexão entre o texto verbal e o visual, oferecendo uma experiência estética com novas camadas de sentido.

Nesse jogo, a escolha dos enquadramentos, a composição das cores, das formas e de perspectivas, bem como a diagramação e a montagem do livro são capazes de gerar narrativas visuais que levam o leitor a interagir com as páginas, dialogando com os sentidos ao longo da experiência de leitura do livro ilustrado. Muitas vezes, as ilustrações revelam detalhes não mencionados no texto verbal, ou mesmo criam atmosferas que influenciam a interpretação da história. É possível dizer que, em certos momentos, a imagem amplia os efeitos de presença do livro, conduzindo o leitor por caminhos interpretativos os quais a escrita, por si só, talvez não alcançasse.

Sofie Van der Linden concebe o livro ilustrado como "obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente [é então chamado, no Brasil, de livro-imagem]. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagens." (Linden, 2011, p. 24) De acordo com essa conceituação, a ilustração atua como um recurso narrativo potente, explorando

não só a sua relação com o texto verbal, mas ampliando os efeitos de sentido e, por consequência, a sua presença nesse formato. Com isso, o livro ilustrado é capaz de proporcionar cenas de leitura que ampliam a experiência estética com a literatura infantil e exigem uma desautomatização do corpo e do olhar para o livro, conforme expõe Eliane Galvão (2012).

O livro ilustrado contemporâneo não é apenas um objeto cujas mensagens contribuem para a produção do sentido, mas um conjunto coerente de interações entre textos, imagens e suportes. A dificuldade em analisá-lo advém da constatação de que esse tipo de livro representa uma efervescência criativa, para ele não há limites em termos de tamanho, estilo ou técnica, e toda sua dimensão visual, inclusive tipográfica, é elaborada. A sua leitura justifica-se, pois amplia o repertório de conhecimentos do leitor, ativa sua memória afetiva e transtextual, desenvolve sua capacidade interpretativa, desautomatiza seu olhar e o desperta para a realidade circundante, para o reconhecimento de ambiguidades, ironias, entre outros recursos estilísticos. (Galvão, 2012, p. 179)

De acordo com Galvão (2012), o livro infantil ilustrado contemporâneo transcende a função de simples veículo narrativo, configurando-se como uma obra complexa e dinâmica, no qual o texto verbal, a imagem e os suportes interagem de maneira integrada para criar uma experiência estética multifacetada. A liberdade estética gerada pelo livro ilustrado não apenas amplia o repertório cultural e afetivo do leitor, como também desautomatiza o olhar, rompendo com leituras previsíveis e estimulando interpretações mais sensíveis e críticas.

Considerando o potencial estético da ilustração no livro ilustrado, Odilon Moraes (2019) destaca a capacidade dessa linguagem de expandir tanto a palavra quanto a própria imagem. Segundo o pesquisador, "lugar esse onde a ilustração desempenha um papel diferente em relação não só às palavras, mas também às outras imagens que se antecedem e sucedem ao longo das páginas" (Moraes, 2019, p. 155). Nesse sentido, a introdução das imagens no livro ilustrado revela um potencial estético que emerge da relação dialógica entre imagem, texto e outros elementos do livro, afirmando sua presença e construindo sentidos por meio dessa interação.

Sob essa perspectiva, a ilustração, enquanto componente do livro ilustrado, exerce uma função estética e narrativa dinâmica, interagindo tanto com o texto verbal quanto com as imagens que compõem a sequência narrativa. Essa abordagem reflete a materialidade singular do livro ilustrado, no qual cada página se integra a um fluxo contínuo que depende do ato de virar a página para revelar novas camadas de sentido. Moraes (2019) enfatiza que a ilustração não deve ser vista como estática ou meramente complementar, mas como uma peça central em um sistema narrativo que se constrói na relação entre palavras, imagens e a experiência temporal da leitura.

Cada ilustração participa de um diálogo intersemiótico e sequencial, influenciando e sendo influenciada pelos textos e pelas imagens que a precedem e seguem. Esse movimento contínuo resulta em uma narrativa híbrida e expansiva, característica do potencial estético e narrativo único do livro ilustrado. Assim, as imagens, ao se entrelaçarem com o texto e com a estrutura do objeto-livro, constroem uma narrativa que se desdobra no ato de virar cada página (Moraes, 2019). Essa dinâmica possibilita a criação de histórias que operam em múltiplos níveis de leitura, tanto visual quanto sequencial, convidando o leitor a interagir ativamente com a obra e a vivenciar o pleno potencial estético da ilustração.

Retomando a analogia entre a voz e a escrita proposta por Barthes (1990), é preciso considerar que a voz também possui o potencial de romper o vazio do silêncio, exigindo um movimento corporal que preenche o espaço e ativa o ambiente ao redor. Esse movimento de vocalização atua como um poderoso recurso de significação, que, assim como a escrita, opera na criação de sentidos e como um convite ao outro para os jogos de significação. Nessa concepção, a voz não é apenas um som isolado, um efeito físico, mas um instrumento que ultrapassa o nível verbal, alcançando a dimensão sensorial e emocional. É nesse ponto que a voz vai revelar-se como uma construção expressiva que, assim como o texto, deixa marcas, cria presenças e intensifica as percepções do ouvinte.

Considerando o corpo, a voz e o som inseridos no contexto digital e tecnológico, audiolivros e *podcasts* são exemplos de composições sonoras que chegam até os ouvintes, chamando-os para o movimento de presença por meio de uma escuta ativa, mediada por dispositivos tecnológicos, como celulares e computadores. Dessa forma, o som transforma o vazio em uma experiência imersiva, na qual a voz do narrador dá vida àquilo que está sendo falado e exige do ouvinte uma escuta ativa daquilo que chega aos ouvidos a partir dos dispositivos tecnológicos.

Os audiolivros são formatos que utilizam a voz como principal meio de comunicação, oferecendo narrativas guiadas pelo timbre, entonação, pausas e velocidades. A presença intangível desse formato coloca a voz em primeiro plano, valorizando os recursos prosódicos na construção dos significados. Além disso, o audiolivro também pode contar com trilha sonora, paisagens sonoras e ruídos que ampliam a experiência de escuta (Rubery, 2016). Logo, o som no audiolivro não apenas rompe o silêncio, mas consegue preenchê-lo com camadas de sentidos, estabelecendo o corpo do locutor, por meio de sua voz, uma conexão direta com o corpo do ouvinte por meio da escuta.

Dado o papel crucial da voz e do som no audiolivro, ao mesmo tempo que identificamos a ilustração como central no livro infantil, neste estudo, questionamos: como a potência visual do livro ilustrado para crianças pode ser transposta para o audiolivro destinado às infâncias? Como o som é usado para transpor o potencial estético da

ilustração no audiolivro? Do ponto de vista das linguagens, é possível afirmar que temos uma “ilustração sonora” no audiolivro infantil?

Considerando que a transposição do livro ilustrado para o formato de audiolivro apresenta um desafio singular ao exigir a (re)criação de uma manifestação literária que substitua ou compense a ausência das imagens, nesta pesquisa, outras questões se impõem: como seria a transposição do livro ilustrado para o audiolivro? Quais estratégias estéticas poderiam ser usadas para compensar a ausência das ilustrações? E, novamente, do ponto de vista das linguagens, é possível afirmar que temos uma “ilustração sonora” no audiolivro infantil?

A partir dessas perguntas norteadoras e tendo a dimensão de que o audiolivro tem suas próprias características e potenciais artísticos para o uso da voz e do som, assim como entendemos que o livro ilustrado conta com uma forma específica de potencializar a relação com o visual, conferimos, em nossa investigação, centralidade na transposição de linguagem, cotejando duas obras que foram publicadas em livro ilustrado e audiolivro e que, portanto, passaram pelo processo de transposição artística da imagem para o som.

Para esta pesquisa, selecionamos o livro *Com qual penteado eu vou?*, de Kiusam de Oliveira e ilustrado por Rodrigo Andrade, publicado em 2021 e com versão em audiolivro publicada em 2022; ao lado do livro infantil *Em algum lugar do mundo*, de Anna Cláudia Ramos, ilustrado por Jacobo Muñiz, publicado em 2018 e com a versão em audiolivro lançada em 2024.

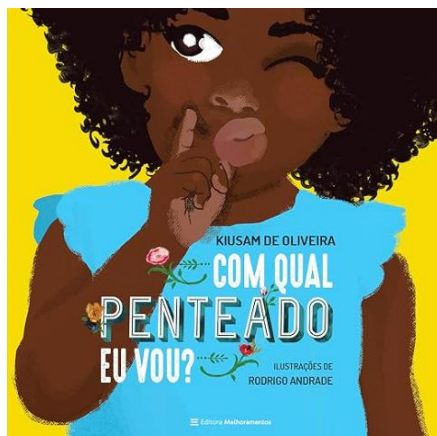
Diante dessas duas obras da literatura infantil brasileira e guiados por nossos questionamentos, objetivamos verificar como o audiolivro é capaz de oferecer uma experiência literária com o som, assegurando um potencial ilustrativo que, por sua vez, a visualidade assume no livro ilustrado. Frente a isso, a ilustração e o som são elementos igualmente importantes, cada um mobilizando o corpo do leitor de uma determinada maneira e envolto em uma experiência estética que passamos a detalhar e analisar a seguir.

1 Do traço para o som

A obra *Com qual penteado eu vou?* (2021) (Fig.1), de Kiusam de Oliveira e ilustrado por Rodrigo Andrade, foi publicado em 2021 pela editora Melhoramentos e faz parte de uma série de obras literárias infantis com protagonismo negro. O enredo acompanha a personagem principal, que, diante de uma ocasião importante, a festa de aniversário do seu bisavô Benedito, precisa escolher o penteado ideal para ir à festa. Ao longo da narrativa, são apresentadas diferentes opções de penteados, cada um carregando consigo um simbolismo, uma história e uma conexão com as raízes africanas e suas

ancestralidades.

Fig. 1 - Capa *Com qual penteado eu vou?*

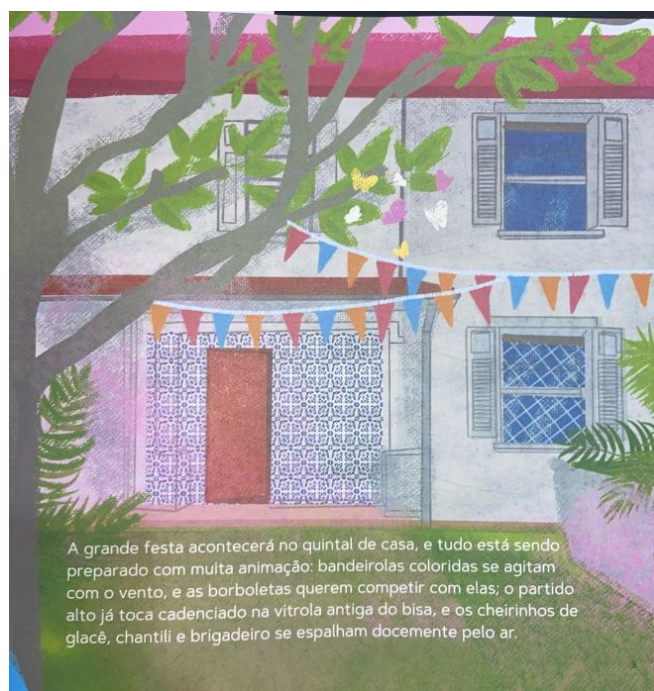


Fonte: Oliveira, 2021

Esse livro apresenta-se como uma celebração da diversidade cultural por meio da valorização dos conhecimentos e saberes afro-brasileiros e das tradições associadas a ele. O uso do cabelo como eixo central da narrativa é um recurso poderoso para trazer à tona questões identitárias e de autodescoberta da personagem, além do reconhecimento de sua história e do valor dos seus ancestrais. A partir dessa escolha e por meio de uma linguagem poética, o livro convida o leitor a refletir sobre a importância de se conhecer e se valorizar, especialmente em um contexto em que a cultura afro-brasileira é um símbolo de resistência e afirmação cultural.

Nessa obra, as ilustrações acompanham o texto verbal, ficando dispostas quase sempre em página dupla, com o texto verbal sobreposto à imagem. Se relacionada com o texto verbal, as ilustrações assumem um diálogo com o que está sendo dito, ancorando ou ampliando os sentidos. Além disso, a escolha de cores transita principalmente entre o amarelo, o rosa e o marrom e suas misturas e desdobramentos cromáticos. Já os enquadramentos privilegiam a centralidade das cenas em plano aberto ou plano americano, colocando o leitor na posição de espectador das cenas (Fig.2), momento de preparação da festa do bisa.

Fig. 2 – Página de *Com qual penteado eu vou?*



A grande festa acontecerá no quintal de casa, e tudo está sendo preparado com muita animação: bandeirolas coloridas se agitam com o vento, e as borboletas querem competir com elas, o partido alto já toca cadenciado na vitrola antiga do bisavô, e os cheirinhos de glacê, chantili e brigadeiro se espalham docemente pelo ar.

Fonte: Oliveira, 2021, p. 9

As bandeirolas coloridas, as borboletas e a vegetação ao redor contribuem para a criação de um clima festivo, típico de comemorações em família, com destaque para os tons de verde, rosa, laranja e azul. A ilustração organiza uma atmosfera doméstica e acolhedora de preparação da festa. O texto verbal que acompanha a imagem descreve exatamente a animação em torno dessa preparação e explora os aspectos sensoriais, descrevendo os cheiros de doces, sinalizando o som que toca na vitrola do bisavô (referido como "bisa") e descrevendo o campo visual com as cores das bandeirolas e o movimento das borboletas.

Apoiando-se nas reflexões de Moraes (2019) sobre o potencial estético da ilustração, é possível reconhecer que a obra de Kiusam utiliza a imagem como um elemento que, ao mesmo tempo, limita e expande as palavras. A interação entre texto e imagem desempenha um papel essencial nesse processo, pois o texto verbal enriquece a experiência visual ao evocar sons e cheiros que, embora não estejam diretamente representados na ilustração, tornam-se quase tangíveis para o leitor. Paralelamente, a ilustração funciona como um ancoramento visual do ambiente narrativo, atuando esteticamente como um delimitador da referência sugerida pela expressão "quintal da casa do bisavô". Nesse diálogo, a ilustração, quando comparada à palavra, opera como um ponto de apoio que ancora e estrutura o enredo.

Nesse exemplo, texto verbal e visual se entrelaçam em uma relação de complementaridade e repetição, em que ambos colaboram para intensificar as informações e enriquecer os aspectos sensoriais. Essa união das linguagens amplifica a experiência estética com o texto, destacando a importância da festa para o desenvolvimento do enredo.

Juntos, elementos verbais e visuais criam uma ambientação coesa e envolvente, na qual imagens e palavras trabalham em sincronia para situar o leitor no enredo e construir uma narrativa que valoriza aspectos culturais.

Ainda com base nas reflexões de Moraes (2019), observa-se que, no contexto da sequencialidade, a ilustração possui um potencial estético singular para afirmar as identidades. Por meio da representação de espaços familiares (figura 2) e da sequência de cabelos nas páginas finais, a ilustração reforça uma perspectiva afro-brasileira que torna a experiência de leitura mais afirmativa. Assim, nesta obra, o potencial estético da ilustração reside na sua capacidade de exibir as potencialidades das identidades afro-brasileiras, desdobrando-se ao longo de toda a construção visual e narrativa do livro.

Saindo do território do livro ilustrado impresso e caminhando para a versão dessa história em audiolivro, a primeira transposição do texto acontece na escolha da voz que narra a obra. A autora, Kiusam de Oliveira, é a narradora do audiolivro, marcando sua presença no início do texto ao dizer: “narrado por mim, Kiusam de Oliveira”. A decisão de ter a autora narrando adiciona uma camada de significação, uma vez que reforça a posição de autoria e a sua voz torna-se uma extensão de sua identidade e das experiências que compartilha por meio da narrativa.

O uso da voz da autora para narrar o texto já evidencia o potencial estético atribuído à voz neste audiolivro, um aspecto que ganha ainda mais força com a narração do prefácio por Renato Nogueira, que também é o autor do texto introdutório no livro ilustrado. Assim como a narração de Kiusam reforça sua posição de autoria ao conduzir o enredo, a voz de Renato enaltece a importância do prefácio como um paratexto significativo, integrando-o à experiência literária de maneira ainda mais marcante.

Nesse sentido, o audiolivro *Com qual penteado eu vou?* (2021) torna-se, então, um mecanismo de convocação do corpo de quem diz e de quem ouve, por meio da voz. Nessa experiência, o poder estético da voz não só evoca o enredo da história, mas amplifica as nuances de presença do texto literário e coloca o ouvinte próximo daqueles que dizem e produzem os textos. Ao fazer isso, a voz não apenas narra, mas também se transforma em um espaço de presença e de mediação do enredo literário, com o potencial de intensificar a escuta ativa por meio da presentificação da voz dos autores.

Outro aspecto importante deste audiolivro é a inclusão de paisagem³ e trilha sonora⁴. Esses dois recursos dialogam diretamente com o enredo da narrativa,

³ A paisagem sonora é o ambiente acústico percebido por indivíduos ou comunidades em determinado lugar e momento, abrangendo sons da natureza, ruídos urbanos e vozes humanas. O conceito, desenvolvido por R. Murray Schafer em *A afinação do mundo* (2012), considera os sons como fenômenos culturais, históricos e ecológicos que influenciam e são influenciados pelas pessoas. A obra de Schafer é fundamental para áreas como música, urbanismo e estudos ambientais, ao explorar como o som molda a experiência humana nos espaços.

⁴ A trilha sonora é o conjunto de elementos sonoros, como músicas, efeitos e silêncios, que acompanham narrativas audiovisuais, intensificando emoções, criando atmosferas e guiando a percepção do público. A trilha sonora é uma parte criativa e essencial da narrativa cinematográfica, por exemplo, não sendo apenas um complemento da imagem.

contribuindo para ambientação das cenas e para o ritmo da história. Enquanto os ruídos da festa, as conversas ou o toque do telefone ambientam a história, a trilha sonora constrói o ritmo da narrativa e ressalta o ambiente do enredo, com trechos de samba. Dessa maneira, a escolha dos sons favorece a compreensão da obra junto do seu contexto cultural e social no qual a protagonista está inserida, bem como transforma o audiolivro em uma experiência imersiva de escuta não só da voz, mas também dos sons.

Cotejando a obra *Com qual penteado eu vou?* (2021) nos seus dois formatos, livro ilustrado e audiolivro, é possível afirmar que, enquanto o livro utiliza as imagens para ambientar o enredo e valorizar a cultura afro-brasileira, criando uma experiência visual impactante; o audiolivro apropria-se da voz da própria autora e do prefaciador, junto de recursos sonoros, como trilha e paisagens sonoras, para ampliar o alcance estético e cultural da história. No livro ilustrado, o leitor interage com as imagens e o texto simultaneamente. Já no audiolivro, a voz de Kiusam de Oliveira conduz a experiência, imergindo o ouvinte em uma narrativa sensorial, na qual sons e ritmos ilustram o enredo e evocam a festa e a ancestralidade.

De igual maneira, a obra *Em Algum Lugar do Mundo* (2018) também é um texto infantil que ganhou as duas versões: livro ilustrado e audiolivro. Escrita com uma sensibilidade prosaica, a narrativa acompanha a vida de crianças ao redor do mundo, mostrando como, apesar de apresentarem desejos distintos, todas compartilham a vontade de tornar o mundo um espaço melhor. A obra não só evidencia o desejo das crianças, como reforça a potência do olhar infantil para transformações sociais. Com uma linguagem poética, o texto convida os leitores a enxergarem o mundo de maneira mais ampla, a partir dos sonhos e do pertencimento infantil.

Fig. 3 - Capa *Em Algum Lugar do Mundo*



Fonte: Ramos, 2018

Por meio de suas personagens e suas aspirações, *Em Algum Lugar do Mundo* promove uma importante reflexão sobre identidade, comunidade e diversidade. Esse enfoque torna o livro não apenas uma ferramenta poderosa para o reconhecimento do ponto de vista da criança, como também é capaz de convidar o leitor a refletir sobre os seus desejos e vontades. Tendo isso em vista, essa produção demonstra um combate à aetonormatividade⁵ (Nikolajeva, 2023), rompendo com a visão normativista do adulto e colocando o poder e a norma no olhar das crianças.

Para construir esse enredo, o texto verbal recorre à repetitividade de uma estrutura textual de apresentação. Primeiro, nomeando a criança, seguindo da descrição do seu desejo e, por fim, a justificativa do motivo pelo qual a criança tem esse desejo. É por meio da repetição dessa estrutura textual que a obra garante um ritmo narrativo de circularidade, com cada dupla de páginas apresentando uma ou duas crianças.

Ao mesmo tempo em que o texto reproduz tal estrutura textual, a mensagem de cada dupla de páginas reforça a diversidade de quereres que cercam as diferentes crianças do mundo, evidenciando que, por diferentes lugares e em diversas situações, as crianças entendem e desejam transformar algum aspecto da realidade. Dessa maneira, o texto verbal constrói um ritmo narrativo com base na repetição, enquanto sua mensagem reforça a diversidade de desejos que amplificam o olhar infantil sobre o mundo.

Atentando-se aos aspectos visuais, as ilustrações, com o uso de técnica mista, como lápis e giz de cera, contribuem para enriquecer a experiência de leitura, ambientando as situações narradas. Nessa obra, as imagens não apenas complementam o texto verbal, mas ampliam a mensagem ao concretizar cenas de rua ou cenas de movimentos com diferentes personagens, além daqueles aparecem no texto verbal (Fig. 4).

⁵ Aetonormatividade, termo desenvolvido pela pesquisadora Maria Nikolajeva, refere-se à normatividade adulta imposta na literatura infantil e juvenil, na qual as perspectivas e valores dos adultos tendem a dominar as narrativas voltadas para crianças e adolescentes. Esse conceito sugere que, em vez de refletir autenticamente a visão de mundo dos jovens, muitas obras acabam filtrando suas experiências e emoções sob uma ótica adulta, influenciando o que é considerado "apropriado" para esse público. A aetonormatividade pode limitar a exploração de temas complexos ou de pontos de vista que fogem ao controle moral e ideológico adulto, afetando a autonomia das vozes e experiências das personagens jovens na narrativa. Nikolajeva argumenta que essa imposição limita o potencial das histórias para refletir verdadeiramente os desafios e a complexidade do universo infantil e juvenil.

Fig. 4 – Dupla página *Em Algum Lugar do Mundo*



Fonte: Ramos, 2018, p. 14-15

Retomando as reflexões de Moraes (2019) e considerando a ilustração em sua potencialidade estética, *Em Algum Lugar do Mundo* (2018) pode ser analisado tanto em comparação com outras imagens quanto em relação ao texto verbal. No que se refere à comparação entre as imagens, a ilustração organiza uma espécie de coreografia visual que confere ritmo à leitura. A repetição de cores e de posições nas páginas, combinada com variações na representação, estabelece uma sincronia que alterna intervalos de contemplação e pausa, mantendo o leitor envolvido nas tonalidades e composições do texto, com momentos de avanço pelas páginas nos mesmos tons.

Dessa forma, a ilustração transcende um papel meramente descritivo ou de suporte ao texto verbal, oferecendo uma experiência estética que valoriza a apreciação das cenas. Essa experiência se desdobra em camadas de significação que apenas o formato do livro ilustrado é capaz de proporcionar, evidenciando sua expressividade ao longo do movimento sequencial de virar as páginas. É justamente nessa relação entre as ilustrações, quando comparadas umas às outras dentro do próprio livro, que se constrói a experiência estética de imersão narrativa do leitor.

De acordo com exemplo, a página é povoada por uma série de figuras humanas que ocupam o espaço de forma harmônica, quase como se fossem parte de uma comunidade em movimento. Observa-se uma diversidade de personagens de diferentes idades e estilos, interagindo em um ambiente público — talvez um parque ou praça, sugerido pela vegetação e o lago com cisnes. As figuras são desenhadas com traços simples, predominando tons suaves, como o pastel, o que mantém uma leveza visual. A variedade

nas ações e expressões das pessoas capturadas confere movimento à cena, com mistura de personagens andando, interagindo e observando, sugerindo que a vida segue seu curso, cheia de individualidades e histórias.

Embora a ilustração construa uma cena de rua, o texto verbal se concentra em duas crianças, Lina e Vinícius. Assim, enquanto as ilustrações expandem o universo da obra, integrando múltiplas personagens, o texto verbal faz um recorte para as crianças e o seu desejo de mundo. Comparando texto verbal e ilustração, vemos surgir um jogo de localização para o leitor, que assume uma posição ativa de buscar onde estão as crianças que aparecem descritas no texto verbal. Numa espécie de “Onde está Wally?”⁶, o ato de leitura converte-se em uma brincadeira de localização, na qual o leitor é convidado a explorar toda a cena com o propósito de localizar onde estaria a criança que é apresentada no texto verbal. Esse jogo de localização é construído ao longo de todo o livro, tendo pequenos elementos visuais como as chaves de interpretação dessa busca.

Por outro lado, a versão em audiolivro da obra *Em Algum Lugar do Mundo* (2024) apaga esse jogo de localização que acontece no livro ilustrado, mas destaca-se pela narração de Julio Oliveira, acompanhada de uma trilha sonora que permeia toda a obra. A escolha de incluir uma trilha de fundo ao longo da narrativa enriquece a imersão do ouvinte, reforça a ambientação das cenas e, principalmente, confere ritmo narrativo ao texto. Esse recurso sonoro conecta o ouvinte às paisagens descritas na narrativa, intensificando a conexão do enredo com um ritmo estético de ouvir o audiolivro.

Em alguns trechos, o audiolivro utiliza de ruídos e de sons que dialogam com as descrições do texto verbal e criam uma ambientação para o enredo. Sons de natureza, como o barulho das ondas do mar, e sons urbanos, como passos ou risadas, surgem em momentos específicos, funcionando como elementos que tangibilizam o enredo e ampliam a experiência de escuta. As paisagens sonoras funcionam como uma metonímia das ações narradas, já que os sons simbolizam e/ou evocam as cenas descritas. Por exemplo, o som do mar e das ondas quebrando acontece quando o texto verbal descreve o desejo de Lina de conhecer o mar. Logo, a paisagem sonora torna a experiência do audiolivro mais dinâmica, permitindo que o som desempenhe um papel narrativo em si, ilustrando o que está narrado e criando novas camadas de sentido para a obra a partir de sua entrada.

Devido a essas escolhas, a versão em audiolivro segue o texto na sua integralidade, mantendo a estrutura e a repetitividade estética do texto verbal. Assim, a manutenção do texto verbal permite que a mensagem e o estilo poético da autora também permaneçam na

⁶ "Onde Está Wally?" é um jogo visual presente em livros ilustrados criado pelo artista britânico Martin Handford. A proposta é encontrar Wally, um personagem facilmente identificado por seu gorro, camisa listrada de vermelho e branco, e óculos, em meio a cenas extremamente detalhadas e abarrotadas de personagens e objetos variados. Cada página apresenta um novo cenário, como uma praia, um festival ou um mercado, e desafia o leitor a localizar Wally em meio à confusão visual. A busca é desafiadora, pois Wally se mistura com o ambiente, e, além dele, outros personagens e itens específicos também são propostos para serem encontrados, aumentando a complexidade e o fator de diversão do jogo.

versão sonorizada, enquanto a voz do narrador traz uma concretude à história, oferecendo um ritmo prosódico de narração. De forma geral, o audiolivro mantém a essência do enredo, ao mesmo tempo em que oferece uma camada de presença por meio da voz, da trilha sonora e da paisagem sonora.

Assim, nesse exemplo, o som transcende sua função sensorial para atuar como um recurso de ilustração, adicionando camadas de narratividade que enriquecem a experiência de leitura. Esse potencial ilustrativo também fica evidente em obras como *Com qual penteado eu vou?*, na qual os sons de telefone e festa compõem a ambientação e contribuem para a ilustração da narrativa. Ao evocar imagens e imprimir características sonoras aos personagens e ao ambiente, o audiolivro amplia a compreensão e a imersão do ouvinte, fazendo com que o som assuma o papel de “ilustrador auditivo”.

Dessa maneira, olhando para as duas versões da obra *Em Algum Lugar do Mundo*, é possível afirmar que enquanto a ilustração no livro ilustrado cria um jogo de localização que se concretiza no momento da leitura com o leitor indo em busca da representação da criança, o audiolivro conta com a trilha sonora para construir o ritmo narrativo e com a inserção de ruídos para ilustrar aquilo que está sendo narrado. Nessa comparação, essas produções demonstram uma exploração dos recursos de cada uma das linguagens, imagem e sons, para potencializar o enredo e tornar a experiência de leitura ainda mais potente.

A partir dessas duas comparações, é possível notar como a imagem e o som rompem o vazio na literatura infantil e atuam no preenchimento da significação junto ao texto verbal. A comparação dessas duas obras mostrou o potencial da imagem para representar e criar jogos de sentido. Da mesma forma, evidencia que o som mostra sua força para atuar no ritmo narrativo e assume uma função ilustrativa daquilo que está sendo dito no enredo. Diante disso, passamos para a reflexão final: Como o som assume um aspecto ilustrativo no audiolivro infantil? De que forma o som pode ser um “ilustrador auditivo”?

2 O som “como ilustração” no audiolivro infantil

Conforme discutido, a transposição do livro ilustrado para o audiolivro oferece um campo fértil para a criação artística, permitindo que o ouvinte vivencie uma interação que vai além da simples recepção sensorial do som. Elementos como a escolha do narrador, a presença ou ausência de trilha sonora e efeitos sonoros são recursos fundamentais para reconstruir o enredo no formato de áudio. Quando cuidadosamente trabalhados, esses elementos geram uma experiência sensorial que pode ser modulada conforme a intenção narrativa, transitando entre passagens lúdicas e momentos de suspense ou introspecção.

Na literatura infantil, a composição literária do audiolivro ganha destaque por

transformar o som em uma ferramenta narrativa com valor ilustrativo. Mas como se dá essa construção sonora ilustrativa? Quais recursos da linguagem sonora são mobilizados para que o som ultrapasse a dimensão puramente sensorial e alcance uma presença visual no imaginário?

O som, em sua essência, é um elemento sensorial comparável à fumaça — sutil, envolvente e impossível de capturar (Wisnik, 1989). No entanto, no contexto do audiolivro infantil, o som transcende essa função sensorial para se integrar à experiência narrativa. A paisagem sonora não apenas complementa o enredo, mas também ilustra o que é narrado, estimulando a imaginação e permitindo a criação de imagens a partir do que se ouve. Assim, o som atua como uma janela para o invisível que é visível, ambientando as palavras e o enredo.

A voz do narrador desempenha um papel central nessa experiência sensorial. Entonação, ritmo e pausas criam uma dimensão sensível dentro da obra, cativando a escuta do ouvinte (Rubery, 2016). Enquanto isso, os sons ambientes e os efeitos sonoros, como risos, passos ou cantos de pássaros, compõem um “cenário auditivo” que transporta os ouvintes para o universo narrativo. Nessa direção, a paisagem sonora transforma-se em uma representação visual, permitindo que os ouvintes “vejam” cenários e personagens por meio dos sons.

Logo, no audiolivro infantil, a paisagem sonora intensifica a experiência narrativa, tornando-a quase visual e palpável. Essa função ilustrativa é essencial para envolver os ouvintes, já que, nesse caso, o som vai além da voz e encontra na paisagem sonora uma aliada para expandir o universo narrativo. A fisicalidade da produção do som — os passos dados por alguém ou, alguém batendo palmas ou, passarinhos cantando — revela a presença do corpo no mundo, representando sua materialidade de forma quase visual para o ouvinte desse som.

Essa abordagem sugere que o som, como resultado de um “gesto” executado por alguém, deixa “pistas” da cena de sua geração, resultando em uma imagem desse som. Assim, o som não apenas envolve o ouvinte, mas também ilustra com as imagens do seu momento de produção. Por esse viés, a função ilustrativa do som no audiolivro infantil aproxima-se do conceito de “gesto do som” proposto por Santaella, ao discutir a capacidade representativa do som.

Nesse novo contexto, como quer Wishart (1996:17), “o gesto é essencialmente uma articulação do continuum [que] se revela na morfologia interna dos objetos sonoros e também na forma geral de grupos, frases”. Composições que exploram a gestualidade são aquelas que colocam ênfase na matéria sonora, mais do que na forma. Embora matéria e forma sejam inseparáveis, a ênfase na materialidade, na energia sonora, cria uma ligação tão íntima com a organicidade, com a gestualidade, até o ponto de se dar penetração no plano gestual do som em si. O próprio som é o gesto. É neste ponto que o nível mais profundo de comparação entre o sonoro e visual fica

mais evidente. (Santaella, 2005, p.153)

Nessa perspectiva, a paisagem sonora no audiolivro infantil assume uma gestualidade que reforça sua função como elemento de ilustração, funcionando como um gesto que expressa e materializa a narrativa. Conforme Santaella (2005), o som com esse caráter ilustrativo enfatiza o "gesto do som", integrando a materialidade da produção à experiência de recepção. Com essa abordagem é possível destacar como o audiolivro infantil utiliza ruídos e paisagens sonoras para ambientar a história, trazendo o gesto do som para o próprio texto narrativo.

Assim, os tons, ritmos, variações e todos os recursos prosódicos da voz do narrador são responsáveis por cativar a escuta e envolver o ouvinte de forma encantada. Somado a isso, as paisagens sonoras e os ruídos acompanham a narrativa, compondo um conjunto que articula e explora a matéria sonora com intensidade e propósito ilustrativo. Dessa forma, no audiolivro infantil, a gestualidade do som possibilita uma experiência profunda e imersiva, em que o som não apenas descreve, mas "atua" e "encena" o enredo, promovendo uma conexão entre o sensorial e o visual, quase como se o ouvinte pudesse "ver" por meio do som.

Considerações finais

Por meio desta breve análise da transposição do livro ilustrado para o audiolivro, pudemos revelar a qualidade de ilustração da imagem e do som, a partir de um processo de reinvenção estética do som. Dentro desse processo, é notável uma reinterpretação do papel visual por meio das experiências sonoras, principalmente com o uso de paisagem e trilha sonora.

Nesse caminho, assim como a ilustração no livro ilustrado, o som no audiolivro infantil não é apenas um suporte ao texto verbal, mas um verdadeiro agente de significação, capaz de dar forma, textura e movimento à narrativa. Esse uso intencional do som como "ilustrador auditivo" proporciona uma experiência que valoriza o poder de imersão e de engajamento, permitindo que as crianças se aproximem da história através de uma escuta que evoca a visualidade, criando imagens mentais e ampliando as possibilidades de interpretação. Dessa forma, o som revela-se uma potente ferramenta na literatura infantil em áudio, operando na criação de camadas de sentido e na concretização de imagens sonoras.

Considerando a gestualidade do som (Santaella, 2005), é possível afirmar que a articulação sonora no audiolivro infantil exige do som o seu gesto narrativo. Esse processo não apenas oferece uma nova camada de presença na narrativa, mas permite uma conexão visceral entre a história e o ouvinte, aprofundando a experiência literária com esse formato.

Sendo assim, a partir desse estudo, notamos a expressividade do audiolivro para transformar o silêncio em um espaço preenchido pela voz (Barthes, 1990) pelo ritmo e pelos ruídos que compõem o cenário narrativo. Com isso, o audiolivro infantil emerge como uma forma capaz de expandir a experiência estética das crianças e oferecer uma nova perspectiva sobre o ato de ler e ouvir histórias. A transposição ilustrativa do visual para o auditivo demonstra o vasto potencial do som como recurso estético, reforçando o seu valor na formação de leitores sensíveis, criativos e abertos a novas formas de interação com a literatura.

Traces, sounds, and words: sound as an illustrative resource in children's audiobooks

Abstract

*Considering the growing popularity of audiobooks as a literary experience and the expanded access to this format, this study explores the processes of transposing and adapting illustrated children's books into audiobooks, seeking to understand the illustrative capacity of both image and sound in literary compositions for children. For this investigation, we selected *Com qual penteado eu vou?* (2021), written by Kiusam de Oliveira and illustrated by Rodrigo Andrade, and *Em algum lugar do mundo* (2018), written by Anna Cláudia Ramos and illustrated by Jacobo Muñiz, both works of contemporary Brazilian children's literature published as illustrated books and audiobooks. In this context, the study aims to examine how the adaptation to audiobook recreates the visual characteristics of illustrated books, focusing on how sound elements — soundscapes and sound effects — reinterpret the information originally conveyed through images. Thus, the objective is to investigate how sound can compose a narrative illustration, affecting the listener's perception. For this analysis, we draw on studies on audiobooks (Rubery, 2016), reflections on voice and sound (Barthes, 1990), and studies on sound language (Santaella, 2005), aiming to contribute to the understanding of interactions between different forms of expression in children's literature, describing how sound and the transition to audiobooks renew the aesthetic experience of images and illustration.*

Keywords: Audiobook. Sound. Illustration. Children's literature

Referências

- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Por uma piscadela de olhos: poesia e imagem no livro infantil**. In: Aguiar, Vera Teixeira de; Ceccantini, João Luís. (org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v1, p.153-190.
- LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MORAES, Odilon. **Quando a Imagem Escreve - Reflexões Sobre o Livro Ilustrado**. 2019. 203p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2019.
- OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?**. Ilustração Rodrigo Andrade. São Paulo: Melhoramentos, 2021.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?**. Ilustração Rodrigo Andrade. São Paulo: Melhoramentos, 2022. (audiolivro)

PRATES, Lubi. **A libertação dos cabelos**. Disponível em: <<https://quatrocinco.com.br/resenhas/literatura/literatura-infantojuvenil/a-libertacao-dos-cabelos/>> Acesso em 05 de novembro de 2024.

RAMOS, Anna Claudia. **Em algum lugar do mundo**. Ilustração de Jacobo Muniz. São Paulo: Editora do Brasil, 2018.

RAMOS, Anna Claudia. **Em algum lugar do mundo**. Ilustração de Jacobo Muniz. São Paulo: Editora do Brasil, 2024. (audiolivro)

RUBERY, Matthew. **The Untold Story of the Talking Book**. Massachusetts: Harvard University Press, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes de linguagem e pensamento: sonora visual verbal**. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.